

Pela educação e pelo trabalho

E OUTROS ESCRITOS

Adelino Tavares de Pinho

Capa: Caio Moretto Ribeiro

Seleção e preparação de textos: Rodrigo Rosa da Silva,
Adriano Skoda e VitorAhagon

Projeto gráfico e diagramação:
Diana Pellegrini e Adriano Skoda

Biblioteca Terra Livre

Caixa Postal 195, CEP 01031-970

São Paulo-SP, Brasil

bibliotecaterralivre@gmail.com

bibliotecaterralivre.noblogs.org



*É livre a reprodução para fins não comerciais, desde
que esta nota seja incluída e a autoria seja citada*

Impresso no Brasil
2012

Pela educação e pelo trabalho

E OUTROS ESCRITOS

Adelino Tavares de Pinho

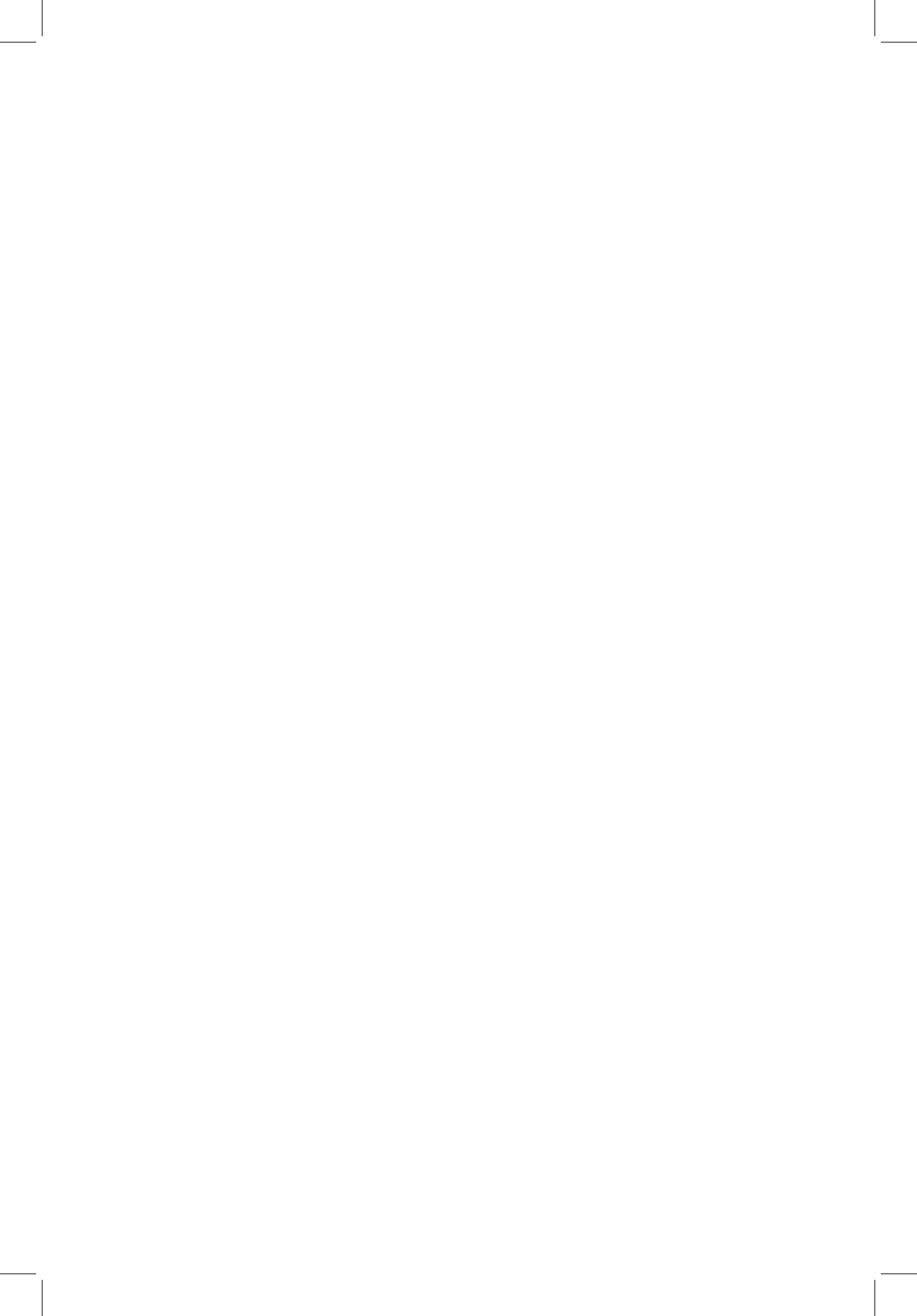
Organização
Biblioteca Terra Livre





Sumário

Apresentação	07
Adelino de Pinho: traços biográficos e o pensamento de um educador anarquista	11
Folhetos	
Pela educação e pelo trabalho	25
Quem não trabalha não come	47
Artigos	
Francisco Ferrer e sua obra	81
Francisco Ferrer	89
A escola	91
A escola, prelúdio da caserna	93
A Escola Moderna ou racional	97
Novos horizontes, novas esperanças	101
União e instrução, exórdio de uma palestra	105
O que nós prevíamos	109
Contraste flagrante	113
Fanfarronices burguesas	117
Contra-revolução alemã, os magnos historiões	121
Ecos e notas I	125
Ecos e notas II	127
Ecos e notas III	129
Cartas	
Carta a João Penteadó (1944)	133
Carta a João Penteadó (1955)	135



Apresentação

Mas nem só de pão vive o homem. O homem tem necessidade de livros, de música, de estátuas, de pintura, de paisagens. Logo, a par dum trabalhador, devemos fazer um pensador.

Adelino de Pinho

Recontar a vida de uma pessoa em poucas palavras é uma tarefa difícil. Os acontecimentos que se sucedem ao longo da vida de cada indivíduo são tão plurais e diversificados que o intento de traduzi-los em um texto parece um esforço que ninguém é capaz de realizar. A busca de uma “biografia total”, saber dos mínimos detalhes da vida do biografado, o que pensava, o que fazia e até o que deixava de fazer, é uma quimera que devemos evitar. Porém, não devemos deixar de buscar reconstruir a memória do anarquismo no Brasil, mesmo admitindo todas dificuldades metodológicas e de fontes documentais que enfrentamos. Não vamos desvendar toda a rica experiência, muito menos o pensamento desse anarquista e educador por toda a vida, que sempre se preocupou com os rumos da educação, principalmente dos operários com menos condições econômicas. Sua trajetória de vida, mas ainda mais sua obra política e sua militância justificam o lançamentos deste livro, bem como nosso esforço em traçar um breve perfil biográfico de Adelino de Pinho, português radicado no Brasil que se tornou conhecido por ter sido diretor da Escola Moderna nº 2 em São Paulo. Apesar disso, sua vida e obra continuam desconhecidas por grande parte do público interessado em questões sociais e na história da educação brasileira.

Não há nenhum estudo sobre, nenhuma de suas obras

ADELINO DE PINHO

foram reeditadas nesses mais de 100 anos que nos separam de seus primeiros escritos, há poucos estudos que o citam¹, somente agora uma dissertação de mestrado em história será dedicada a desvendar os “passos libertários” desse velho militante da educação e do sindicalismo libertário brasileiro². Nós contribuimos com a (re)construção de nossa memória dando



Arquivo de Edgar Rodrigues. Publicada originalmente no livro *Novos Rumos* (1978), editora Mundo Livre, e cedida por Marcolino Jeremias.

à luz esse livro que compila alguns de seus escritos, tendo a certeza de não ser esse uma reunião de tudo o que Pinho produziu, mas sim, uma pequena dose de verdadeiras palavras de revolta e esperança de uma terra livre construída através do

1 Os quais indicamos ao final como sugestão de leitura.

2 Trata-se de pesquisa desenvolvida desde 2012 no Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP) por Vitor Ahagon, intitulada “A trajetória de Adelino de Pinho: passos libertários na educação e no sindicalismo”.

trabalho coletivo e da educação de todos.

Tentamos assim, imprimir o nome de Adelino de Pinho no rol dos grandes pedagogos que impulsionaram uma das mais importantes propostas educacionais neste país, voltada para a alfabetização da classe operária e a implantação de um ensino misto, laico, livre e racional.

Claro que não nos furtamos a recordar que todo texto deve-se ler com a mente aberta e o olhar crítico. Adelino de Pinho foi um homem de seu tempo, envolto nos debates teóricos e proposições científicas em voga ao final do século XIX e começo do século XX, sujeito tanto a seus avanços como a suas limitações. Sabemos que o leitor saberá tirar suas próprias conclusões e utilizá-las da maneira que acreditar mais útil. Só pedimos não julgar *a priori*, sem reflexão ou contextualização, a um operário e intelectual autodidata que entregou-se à dura luta nas barricadas durante as greves, mas também nas trincheiras mais obscuras e obscurantistas das salas de aula, dominadas por clérigos, generais e deputados.

Por ser um personagem central e um dos principais pensadores dentro da renovação pedagógica proposta pelos anarquistas nos primeiros anos do século XX — ao lado de João Penteadó, Florentino de Carvalho e muitos outros; por ter sido um militante que muito contribuiu para a luta pela emancipação dos trabalhadores através de suas associações de classe; por ter sempre apoiado e trabalhado para a manutenção de uma imprensa livre e libertária; por ter resistido aos golpes da repressão estatal e às ditaduras que vivemos ao longo de nossa história: nós dedicamos a você, companheiro Adelino, esta publicação, convictos de que suas palavras não morrerão jamais e que sua vida será sempre um exemplo para nós e para as gerações futuras, pelas quais você dedicou toda a vida.

Biblioteca Terra Livre



Adelino de Pinho: traços biográficos e o pensamento de um educador anarquista

Vitor Ahagon
Rodrigo Rosa da Silva

Adelino Tavares de Pinho, filho de Francisco Tavares de Pinho e de Maria de Jesus Almeida, nasceu em 21 de janeiro de 1885 na província de Aveiro, norte de Portugal e chegou ao Brasil em 20 de outubro de 1906, aportando, aparentemente, em Belém do Pará.

São poucas as informações sobre sua juventude. Há indícios de atividade ligada ao anarquismo antes mesmo de completar 20 anos, ainda em Portugal. Em 1904 aparece como tradutor de um folheto de José Prat, expoente do anarco-sindicalismo espanhol. Assina a apresentação, datada em 28 de março de 1904 na cidade do Porto. Portanto, foi no Brasil que desenvolveu mais ativamente sua militância anarquista, inserindo-se rapidamente nos meios operários e libertários de São Paulo.

Foi guarda-livros, “motorneiro, e analfabeto até a idade adulta. Instruindo-se por conta própria, graças à intensa paixão cultural dos meios anarquistas”¹. Na década de 1930, a polícia política de Getúlio Vargas fichava-o como “professor”², e foi à docência que dedicou boa parte de sua vida.

Primeiramente, atuou em Campinas, se tornando professor da Escola Social, vinculada à Liga Operária de Campinas,

1 CANDIDO, Antônio. *Teresina e seus amigos*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

2 Prontuário DEOPS/SP nº 4 – Adelino Tavares de Pinho. Arquivo do Estado/SP.

onde colocou em prática, já em meados de 1907, a pedagogia racionalista, sendo, sem dúvida, um de seus pioneiros divulgadores. A escola foi inaugurada em 24 de fevereiro de 1907, contando com Renato Salles como professor, além do próprio Adelino, sendo verificada a presença de representantes de diversas entidades operárias da região e representante da Federação Operária de São Paulo (FOSP). Essa experiência, ao lado de outras anteriores como a Escola Germinal no bairro do Bom Retiro em São Paulo, ainda pouco conhecidas e estudadas, foram, sem dúvida, base importante para o posterior desenvolvimento da rede de escolas racionalistas que surgiram e se espalharam pelo Brasil na década seguinte.

Ao final do ano escolar de 1908, Adelino de Pinho proferiu a conferência “Pela educação e pelo trabalho” — convertida em folheto e que dá nome a esta compilação. Essa foi uma das primeiras e também mais importantes contribuições à reflexão e difusão da educação anarquista. Em sua fala Pinho estabelece as bases teóricas e as propostas práticas do racionalismo pedagógico, motivo pelo qual podemos concluir que ele estava inteirado das mais recentes produções sobre o tema e era um exímio conhecedor das propostas de Francisco Ferrer y Guardia, bem como de uma gama de pensadores libertários.

Desde essa época demonstra certa erudição, utilizando conceitos de diversos autores e ciências para construir seu pensamento: Kropotkin, Reclus, Robin, Ferrer, Ruskin; pedagogia, sociologia, psicologia, biologia, puericultura. Interpreta os fatos a partir das escolas e teorias em voga na sua época: positivismo, determinismo, neo-malthusianismo. Mas também tem forte caráter socialista, obreirista e, acima de tudo, incontestavelmente anarquista.

Não fosse sua vida e obra ainda muito mais extensa, arriscaríamos dizer que esse opúsculo seria o suficiente para colocá-lo nos umbrais dos grandes pedagogos de língua portuguesa por seu caráter inovador e por sua desenvoltura ao tratar dos temas

pedagógicos associados, sempre, às questões sociais.

Já em São Paulo, alguns anos mais tarde, tornou-se diretor da Escola Moderna nº2 (que inicialmente esteve sob a direção de Florentino de Carvalho) e trabalha lado a lado com João Penteado³, que assumiu a direção da Escola Moderna nº 1. A abertura de ambas, em 1912, foi fruto dos trabalhos do Comitê Pró-Escola Moderna, constituído logo após o fuzilamento do educador catalão Francisco Ferrer y Guardia em fins de 1909. Tal comitê possuía seções tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro e outras cidades do interior e contava com a participação de diversos militantes operários, mas também de pequenos comerciantes e até industriais que se identificavam com as propostas educacionais dos “livre-pensadores”. Angariaram fundos através de eventos, festas, venda de livros, postais, medalhas, rifas e listas de colaboração voluntária individuais e coletivas. Muitos sindicatos apoiaram economicamente a empreitada, inclusive a Confederação Operária Brasileira (C.O.B.).

A Escola Moderna nº 2 foi instalada, inicialmente, na Rua Müller, no bairro do Brás. Depois mudou-se para a Rua Oriente, 166 e, finalmente, fixou-se na Rua Maria Joaquina, 13, sendo esta última, provavelmente sua residência até meados dos anos 1930.

Adelino foi um grande entusiasta das ideias de Francisco Ferrer, sendo um dos divulgadores mais vibrantes de seu martírio e de sua pedagogia. Desde sua fundação, aulas eram dadas para meninos e meninas juntos, firmando o princípio de coeducação de sexos propugnado por Ferrer. Também eram realizadas excursões para que os estudantes tivessem contato com a realidade cotidiana e com a natureza. O horário de funcionamento era assim organizado: ensino primário e médio para crianças e jovens, das 11h às 16h e adultos, das 19h às 21h. Pagava-se uma mensalidade de acordo com as possibilidades de cada um, e aqueles não dispunham de

³ Para saber mais sobre João Penteado ver as obras de Santos, Calsavara, Rodrigues e Fregoni, nas “Sugestões de leitura” ao final deste capítulo.

meios para custear o ensino colaboravam com materiais básicos ou participavam das atividades realizadas pela escola para arrecadação de fundos.

Para atingir seus objetivos pedagógicos, também foi criado um o jornal denominado *O Início*, dirigido e redigido pelas próprias crianças. Nele João Penteado visava por um lado fornecer informações das atividades sociais, debater a conjuntura nacional e internacional, registrar e rememorar as datas e fatos relevantes do movimento operário e, por outro, e muito mais importante, divulgar os trabalhos e produções escritas pelos próprios alunos da Escola, transformando-os em agentes ativos do processo pedagógico. Através das páginas de *O Início* é possível tomar contato com parte do cotidiano da escola, seus materiais, suas instalações, métodos e valores.

As duas Escolas Modernas de São Paulo editaram também o Boletim da Escola Moderna, a exemplo do que ocorria na Escuela Moderna de Barcelona (1901-1906) de Ferrer y Guardia. Esta publicação era dedicada à propaganda das ideias libertárias e à difusão da obra racionalista no país, mas também foi um espaço importante de reflexão teórica sobre educação.

As Escolas Modernas foram fechadas em 1919, após a morte do diretor da Escola Moderna nº 3 (São Caetano do Sul), vítima de uma explosão ocorrida em uma casa no Brás. Este fato serviu como justificativa para que o Diretor Geral de Instrução Pública do Estado de São Paulo, Oscar Thompson, pudesse mandar cassar, em caráter definitivo, a licença de funcionamento da Escola Moderna nº 1 e nº 2, acusando-as de serem promotoras do anarquismo em terras brasileiras. Os recursos impetrados e o *habeas corpus* não surtiram efeito e todas os três estabelecimentos foram clausurados.

Porém, João Penteado reabre sua escola com um novo nome — Escola Nova — que, em pouco tempo, transforma-se em Escola de Comércio, oferecendo cursos profissionalizantes, e logo será a Academia de Comércio Saldanha Marinho, onde Adelino acabou lecionando ainda por algum tempo.

Posteriormente, Adelino de Pinho mudou-se para Poços de Caldas (MG), onde deu continuidade ao seu trabalho docente, desenvolvendo a educação racionalista em aulas particulares em sua própria casa - com um sala de aula improvisada - ainda por muitos anos, sendo responsável pela alfabetização de muitas crianças daquela cidade.

Adelino, além de participar de experiências educacionais como foi o caso da Escola Social e da Escola Moderna, participava ativamente de outros espaços de propaganda e difusão do anarquismo. Frequentemente era chamado à proferir palestras e conferências sobre variados temas em associações operárias e escolas, função na qual, aparentemente obteve grande êxito, pois algumas de suas intervenções públicas acabaram sendo publicadas nas páginas de diversos periódicos libertários. Era também um anticlerical militante e sempre tecia duras críticas à “canalha” religiosa em suas palestras ou artigos.

Adelino acreditava no importante papel da imprensa anarquista na formação e instrução dos trabalhadores. Por isso podemos encontrar várias colaborações de sua autoria em meios como o Boletim da Escola Moderna, a revista A Vida, os jornais A Rebelião e A Lanterna, principalmente, A Plebe, jornal que manteve em funcionamento na década de 1930 no período de ausência de Rodolpho Felipe por motivo de sua prisão, tornando-se figura chave para a divulgação de um importante jornal anarquista, como é relatado em seu prontuário do DEOPS:

Ficamos sabendo que Rodolpho Felipe, na Plebe, não passa de simples figura decorativa, porque quem tudo faz é um tal de Adelino de Pinho.⁴

Seus escritos nestes jornais, muitas vezes assinados com o pseudônimo de Pinho de Riga⁵, deixam claro quais eram,

4 Doc. 2, Prontuário DEOPS-SP nº 4 – Adelino de Pinho.

5 RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros – 1*. Rio de Janeiro: Editores Associados, 1994.

na sua opinião, os pilares do mal da sociedade capitalista: a guerra, o exército, a ignorância e o governo, todos em conluio contra os oprimidos. No artigo intitulado “A escola, prelúdio da caserna”, presente neste volume, Adelino faz uma severa crítica à escola de sua época, seja ela confessional ou governamental, afirmando que nesses lugares era promovida a “sistematização da violência”, isto porque

Os estados modernos, compreendendo perfeitamente que a decadência da religião e com o desenvolvimento comercial e industrial das sociedades, era impossível manter na ignorância suína dos tempos idos, as multidões abriram escolas, as mais que puderam, especialmente nas cidades onde os agrupamentos são maiores e onde as ideias se disseminam mais facilmente, porque há mais sociabilidade, para por esse meio lançarem mão dos cérebros infantis e modelá-los a seu bel prazer, enchendo-os de fórmulas metafísicas e abarrotando-os de palavrões estragados, como pátria, fronteira, estrangeiro e inimigos, acostumando os ternos infantes a desconfiar dos outros povos e a precaver-se contra eles, o que leva os de país estranho a fazer o mesmo e vice-versa. Os professores primários transformaram-se numa espécie de instrutores de soldados e a escola surgiu como antessala do quartel.

E completa:

As novas gerações, saídas desse antro de desmoralizações, que outra coisa poderiam dar a não ser bons soldados? A força de falarem ouvir de amor à pátria — dos ricos — de ver desfilar regimentos, de assistirem as paradas, de ouvirem e entoarem canções ferozes de chauvinismo e hinos triunfais de guerra, tomaram como fim e missão a atingir serem bons soldados, obedientes à disciplina e à voz de seus chefes, prontos a arremesarem-se contra os trabalhadores em greve ou contra os povos de outros países, desde que os interesses dos monetários e ricos capitalistas assim o exigissem.

Os escritos de Adelino, e de muitos outros anarquistas, em jornais e revistas podem ser encarados como mais uma forma

de instrução, que hoje chamaríamos “não-formal”, tanto para trabalhadores quanto para seus filhos. Isso torna-se mais evidente quando observamos o conteúdo desses materiais e os espaços em que eram distribuídos:

Esses veículos de comunicação tinham como meta explicar, de forma pedagógica, a luta internacional contra o capital e a necessidade da participação ativa nas organizações operárias, além de propagar denúncias contra injustiças sociais e propiciar uma visão histórica a partir do mirante dos trabalhadores. Nesse sentido, os periódicos eram encontrados em espaços autônomos e independentes do Estado, como: centros de estudos, centros de cultura, ateneus, bibliotecas, sindicatos e escolas, sendo de fácil acesso tanto para leitura quanto para os interessados em fazê-los circular.⁶

Portanto, a atuação de um militante anarquista naquele período de efervescência política da classe trabalhadora passava por diversos ambientes e diferentes práticas: o trabalho, a escola, o sindicato, o jornal, o teatro, os piqueniques. Havia um espaço de sociabilidade e ao mesmo tempo de aprendizagem nos meios libertários. Adelino de Pinho transitou por todos eles, formando-se na prática cotidiana e colaborando na formação dos demais, transformando em ações a ideia de Kropotkin sobre o apoio mútuo.

Adelino foi um autodidata. Neste sentido, percebemos a importância da autoformação nos meios libertários, prática exercida em todo o meio proletário, mas que tornou-se um fator importantíssimo na militância anarquista, que podemos observar em casos como do próprio Adelino, de Jaime Cubero e de muitos outros. A importância dada à educação possui critérios bem definidos, pois para aquele que se instrui, portanto, “para o autodidata, não interessa apenas a aquisição dos ‘mecanismos’ de leitura, mas, para além do domínio das conexões das letras, palavras, números,

6 DAMIRO, José. *Leitura que recomendamos: o que todos devem ler*, p. 5.

juízos, são as reflexões e as análises críticas da realidade imediata, mediata e mais fundamental, que são almeçadas”⁷. Instruir-se não significa apenas acúmulo de conhecimentos, tornando-se um indivíduo mais iluminado, mas sim de apropriar-se de todo um arcabouço de conceitos e reflexões que possibilitem a intervenção do sujeito no mundo, possibilitando a criação de novas realidades. Este autodidata busca o conhecimento não porque isto irá lhe oferecer oportunidade para melhorar de vida, mas sim porque quer, fundamentalmente, mudá-lo, transformá-lo sempre.

Pinho, em sua palestra “Pela educação e pelo trabalho”, aborda, por exemplo, a questão da aquisição de diplomas, questionando a própria legitimidade desse documento enquanto prova da capacidade real do profissional em realizar tarefas que, a princípio, são capazes de realizar independente de uma comprovação formal e burocrática. A abstração da oficialidade do documento não garante a competência da realização dos trabalhos, a qual só podemos nos assegurar na prática, na realização do trabalho concreto. O diploma serve apenas para a manutenção do status quo enquanto legitimador de uma suposta autoridade que possui a “ciência” de realizar tal ou qual atividade, mas que não garante a transformação efetiva da realidade social e econômica. Pode ser entendido como um meio de ascensão social e não de transformação. Portanto, o conhecimento para os anarquistas não está na ascensão à posição de cientista. O que lhes interessa é um conhecimento científico que se estabeleça através do ensino mutuo e do autodidatismo, acessível a todos, dando base, assim, para uma teoria da revolução⁸. Para tanto, a criação de espaços educativos — não somente escolas — se torna um fator essencial, pois tais espaços criariam as condições necessárias para se aflorar esse ensino mútuo, capaz de liberar

7 VALVERDE, Antônio Romero. *Pedagogia libertária e autodidatismo*. Tese de doutorado da Unicamp, p. 9.

8 COLOMBO, Eduardo. *Democracia e poder, a escamoteação da vontade*. São Paulo: Imaginário, 2011.

as potencialidades dos indivíduos.

O professor Adelino foi detido em maio de 1919 por ocasião da perseguição aos diretores das escolas modernas em São Paulo. Na década posterior a vigilância e perseguição aos anarquistas se tornou cada vez mais intensa, tendo como marco a criação da Colônia Penal Agrícola de Clevelândia, no Oiapoque, durante o governo de Artur Bernardes. Esse foi um período muito difícil para as atividades dos anarquistas pois além da repressão estatal houve a concorrência, muitas vezes, violenta das correntes de transmissão do “comunismo” soviético.

Já em 1933 encontramos relatos da presença de Pinho numa “reunião anarquista” na sede da FOSP produzido por um policial infiltrado do DEOPS. Adelino era tido pelas autoridades como um militante atuante que merecia ser vigiado. Mesmo sob a ditadura de Getúlio Vargas e a intensa repressão policial o velho professor anarquista seguia atuante em reuniões em São Paulo e na imprensa anarquista da época.

Os documentos policiais, alguns artigos dispersos e as cartas que trocava com seus amigos João Penteado e Rodolpho Felipe nas décadas 1940 e 1950 atestam que seus ideais sobreviveram à ditadura getulista e, mesmo que à distância, em Poços de Caldas, continuava presente nos meios libertários. Por essas cartas, algumas reproduzidas neste título ⁹, notamos que a convicção anarquista não o havia deixado.

Alguns companheiros de Adelino de Pinho deixaram registradas suas lembranças do velho “professor” e amigo. São relatos pessoais que colaboram para termos uma dimensão mais humana da personalidade do homem por trás das palavras.

Jaime Cubero, antigo membro do Centro de Cultura So-

⁹ Agradecemos a Tatiana Calsavara e Luciana Eliza dos Santos, bem como ao Centro de Memória da Educação da FEUSP, local que abriga o acervo de João Penteado e nos possibilitou o acesso e possibilidade de reprodução e inserção de tais documentos no presente livro.

cial, agrupamento libertário fundado em 1933, do qual Adelino era parte, conta o seguinte:

Conheci João Penteadó e Adelino Pinho quando o Centro de Cultura Social retomava suas atividades em 1945, após a queda da ditadura getulista. Eu, com dezoito anos, e os dois com idade avançada, participando de reuniões, palestras, excursões e festas. Eles falavam abordando temas de educação, área na qual desenvolveram o melhor de seus esforços nos longos anos de militância libertária.¹⁰

Outro conhecido libertário cita Pinho em suas memórias. Trata-se de João Perdigão Gutierrez, em trecho extraído das obras de Edgar Rodrigues:

Há que fazer uma anotação honrosa ao velho militante Adelino de Pinho, escrevendo, falando ou educando em sua escola, sempre foi coerente com seus ideais. Separado da família, sofreu amargamente, tendo passado muita fome. Quando retornando, a Minas, esteve em nosso lar, na hora do almoço, não se conteve e chorou copiosamente.

— Que é que você tem, Adelino?

— Há! Já faz tempo que não estou habituado a isto.

Dizem que está recolhido ao lar um de seus filhos. Residiu algum tempo em ‘Nossa Chácara’.¹¹

Em 1953 participou do Congresso Anarquista Nacional na Urca, Rio de Janeiro, mais precisamente no sótão da residência de José Oiticica. Chegou a morar na “Nossa Chácara”, sítio adquirido por anarquistas e naturistas, no bairro do Itaim Paulista. E é esse período que sua trajetória torna-se nebulosa.

Segundo o arquivo do Memorial do Imigrante de São Paulo Adelino Tavares de Pinho retornou, definitivamente, para

10 CUBERO, Jaime. “Apresentação”. In: *Boletim da Escola Moderna* (fac-símile), CMS/AESP, s/d.

11 RODRIGUES, Edgar. *Os Companheiros* - 3. Florianópolis: Insular, 1997. p. 18 e 19.

Portugal em 27 de março de 1957, escrevendo algumas cartas para João Penteadó nesse período desde Roge, Maciera de Cambro (Portugal).

Todavía, ainda não logramos descobrir os dados referentes à data e ao local de sua morte. Pode ser que tenha regressado ao Brasil, se seguirmos uma pista deixada por Pedro Catallo em suas memórias:

Adelino de Pinho foi proibido de lecionar ou manter escola. Ao invés do Brasil reconhecer a extraordinária obra de alfabetização realizada por esse homem, por iniciativa própria, e quando havia escolas apenas para bem pouca gente, e quando era difícil encontrar entre o povo proletário alguém que soubesse ler, Adelino de Pinho não mais pôde lecionar e teve a sua vida enormemente complicada. Ainda nestes dias, em que estou escrevendo estas lembranças, foi trazido de carro por um seu genro, para fazer-me uma visita. Ao me ver ficou de tal forma emocionado que temi que lhe acontecesse alguma coisa, chorava com as mãos postas no coração. Almoçou comigo, bastante lúcido e com 84 anos.

Se a informação de Catallo é correta, e utilizando um simples cálculo matemático, podemos supor que esta visita se deu em 1969. Porém, as memórias estão datadas em 1965. De qualquer maneira, podemos supor que em meados da década de 1960 Adelino estava vivo e em São Paulo, mesmo que por um curto período de visitas.

Cabe aos militantes e pesquisadores continuar essa história a partir de onde paramos. Novas informações e trabalhos históricos estão sendo produzidos no momento que podem trazer à tona interessantes novidades sobre Adelino de Pinho e os demais militantes que atuaram no Brasil. Novos estudos sobre pedagogia libertária são sempre bem-vindos e podem contribuir muito para fazer justiça a grandes pedagogos e mestres como João Penteadó e o próprio Adelino.

Esperemos que novos olhos possam ver o que não vimos e penas mais hábeis escrever o que não fomos capazes.

Sugestões de leitura

CALSAVARA, Tatiana da Silva. *Práticas da educação libertária no Brasil: a experiência da Escola Moderna em São Paulo*. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: FEUSP, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Teresina e seus amigos*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREGONI, Olga Regina. *Educação e resistência anarquista em São Paulo: a sobrevivência das práticas da educação libertária na Academia de Comércio Saldanha Marinho (1920-1945)*. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: PUC-SP, 2007.

JOMINI, Regina Célia Mazoni. *Uma educação para a solidariedade*. Campinas: Pontes, 1990.

LUIZETTO, Flávio V. *Presença do anarquismo no Brasil: um estudo dos episódios literário e educacional – 1900/1920*. Tese de doutorado. São Carlos: USP, 1984.

MORAES, José Damiro. *A trajetória educacional anarquista na Primeira República: das escolas aos Centros de Cultura Social*. Dissertação de Mestrado em Educação. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, 1999.

_____. “Educação anarquista no Brasil da Primeira República”. In: *HISTEDBR*. Campinas: Faculdade de Educação da Unicamp, s/d. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/artigos_frames/artigo_052.html>. Acessado em 5/01/2012.

NASCIMENTO, Rogério H. Z. *Florentino de Carvalho: pensamento social de um anarquista*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2000.

RODRIGUES, Edgar. *Os companheiros 1*. Rio de Janeiro: VJR, Editores associados, 1994.

SANTOS, Luciana Eliza dos. *A trajetória anarquista do educador João Penteado: leitura sobre educação, cultura e sociedade*. Dissertação de Mestrado em Educação. São Paulo: FEUSP, 2009.

SILVA, Doris Accioly e. “Anarquistas: criação cultural, invenção pedagógica”. In: *Educação e Sociedade*, v. 106. São Paulo, 2009.

SILVA, Robledo Mendes da. *A influência de Élisée Réclus na educação operária no Brasil: das Ciências Naturais à Educação Integral*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Unirio, 2010.